



Movimentos Ecológicos: Novos Diálogos com a Sociedade a partir de Diferentes Interfaces Comunicativas¹

Zoraia Nunes Dutra Ferreira²
Catarina Tereza Farias de Oliveira³
Faculdade Evolutivo, Fortaleza, Ce

RESUMO

Os movimentos sociais, ao longo do tempo, têm ampliado seu foco de interesse migrando da análise de questões mais imediatas do cotidiano para questões mais gerais como memória, cultura e ecologia. Neste contexto, os movimentos ecológicos surgem com grande força e permitem a expressão de novos atores sociais, novos diálogos com a sociedade e a possibilidade de mudanças culturais e de modo de vida. Para divulgar suas idéias, fazem uso das mais diferentes interfaces comunicativas, apropriam-se das facilidades oferecidas pela tecnologia e ainda criam novas formas de passar a mensagem. São uma das grandes frentes de mobilização do século XXI, portanto, protagonistas de uma história ainda sendo escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos Sociais; movimentos ecológicos; mídia; sociedade.

TEXTO DO TRABALHO

1.0 Introdução

Este trabalho tem profundas relações com pesquisa⁴ iniciada em 2006 tendo como objeto de estudo o Site do Bairro Ellery (www.bairroellery.com.br), localizado na Zona Norte de Fortaleza.

Em um primeiro momento procurou-se entender os usos que os movimentos sociais e organizações não-governamentais, ONG's, estão fazendo da WEB⁵. Em um segundo momento da pesquisa uma profunda análise das notícias veiculadas no Site foi

¹ Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicativas do Iniciacom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Estudante de graduação do 6º semestre do curso de Comunicação Social da Faculdade Evolutivo (FACE) em Fortaleza-Ce. Email: zoraia.bk@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Profª da Universidade Estadual do Ceará, Universidade Federal do Ceará e Faculdade Evolutivo. Email: catarinatereza@uol.com.br

⁴ Pesquisa ainda em processo de realização pela Profª Doutora Catarina Tereza Oliveira Farias e por Zoraia Nunes D. Ferreira.

⁵ Mais sobre o assunto em <http://www.comunicacaoempresarial.com.br/revista/05/artigos.asp>



realizada e a forma como estas atuavam na construção de uma auto-imagem positiva, tanto coletiva como individualmente⁶.

A partir da descoberta da auto-imagem, percebeu-se que os movimentos sociais têm expandido seu foco de atuação, migrando de questões mais imediatas ligadas ao cotidiano como moradia, saneamento básico e transporte e chegando a questões mais universalizantes como memória, cultura e ecologia.

No presente trabalho, nos deteremos à questão da ecologia, analisando o Movimento de Revitalização do Pólo de Lazer da Sargento Hermínio e o Movimento de Urbanização do açude João Lopes, ambos no Bairro Ellery e verificando como o Movimento e o Site se interrelacionam.

Este é um primeiro momento de discussão teórica que pretendemos sedimentar através de entrevistas e questionários ainda a serem aplicados e que comporão a pesquisa de campo.

Faremos ainda uma explanação sobre a atuação dos movimentos sociais urbanos em Fortaleza, procurando contextualizar e entender esta migração no rumo de seus interesses. Um breve histórico da luta ecológica no Brasil e no mundo também será apresentado. Nos interessa saber posteriormente o percurso das lutas ecológicas especificamente em Fortaleza e qual a situação atual. Trataremos um pouco do Site do Bairro Ellery, de sua significação e atuação, para chegarmos à luta dos moradores, lideranças e entidades deste bairro em prol da preservação ambiental.

2.0 Movimentos Sociais Urbanos – Quebrando o Silêncio

Os Movimentos Sociais Urbanos surgem na cena brasileira em pleno período de redemocratização. Segundo Claudette Pagotto (2006) ganharam reconhecimento de sua legitimidade e de suas reivindicações nas décadas de 70 e 80, estabelecendo com isso a necessidade de diálogo político. Irllys Barreira (1992) coloca que esses movimentos são “*signatários de uma certa utopia da gestão igualitária*” e que “*recolocaram o dilema das metrópoles em seu crescimento desordenado.*” (Barreira,1992,p.11)

Paulo Afonso Barbosa de Brito, consultor da série “Salto para o Futuro” da TVE Brasil, define esses movimentos como sendo:

⁶ Mais sobre o assunto em <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/expediente9.htm>



Agrupamento de pessoas, geralmente das classes populares ou de grupos minoritários (no sentido de serem destituídos de poder) e discriminados, que agem coletivamente, com algum método, realizam parcerias e alianças, abrem diálogos e negociações com interlocutores, como processos articulados para conquistas de direitos e exercício de cidadania. (<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2005/ems/meio.htm>)

Os Movimentos Sociais Urbanos foram responsáveis por garantir melhorias na qualidade de vida dos indivíduos vítimas dos problemas típicos da expansão das metrópoles e devido a isso empurrados para as zonas periféricas. Eder Sader (1988), coloca que esses movimentos “*irrompiam na cena pública reivindicando seus direitos, a começar pelo primeiro, pelo direito de reivindicar direitos*” (Sader,1988,p.26)

Segundo Barreira (1992) este é o momento em que pessoas comuns como donas de casa e moradores de favelas saíram às ruas para reclamar melhores condições de vida e moradia.

Apesar do protagonismo nestes momentos, não foi sempre que esses atores sociais ocuparam o palco de forma tão significativa e com tanta força. As mobilizações no período de 1960-1964 em Fortaleza apareciam principalmente através do movimento sindical focado na luta pelos direitos trabalhistas, reflexo do que ocorria nacionalmente. Devido a essa força do Movimento Sindical, o movimento de bairro, embora existisse, não era tão visto. Sobre isso Barreira (1992) diz que:

O período 60-64 caracterizou-se por fazer convergir os movimentos na esfera sindical, numa ressonância do quadro genérico de mobilizações ocorrentes no país, com o caráter peculiar de formação da classe operária local em luta por direitos trabalhistas que regulamentavam o processo de compra e venda da força de trabalho ao lado de greves de caráter político. (Barreira,1992,p.21)

Com a repressão dos anos de chumbo, parte da História recente de nosso país, as organizações sindicais foram perseguidas e desarticuladas e os protestos deram lugar ao silêncio. É neste contexto que começam a haver mudanças em um cotidiano aparentemente dominado pelo autoritarismo e pelas forças elitistas.

Novos atores rompem este silêncio e ocupam seu lugar na cena pública. Segundo Barreira (1992), o movimento de bairro configura-se a partir deste momento como uma



“reorganização de espaços de lutas desarticulados face ao regime autoritário”
(Barreira,1992,p.23)

A periferia passa a ser vista como evidenciadora das desigualdades, da pobreza e da dignidade desrespeitada em nome do desenvolvimento urbano e da modernidade. A cena cotidiana passa a ter importância, e este cotidiano, segundo Sader (1988) passa a ser visto como *“lugar de resistência, base de onde surge um projeto autônomo das classes subalternas”* (Sader,1988,p.141). Para o autor esse projeto se faz livre dos discursos elitistas. Essa noção de autonomia apresentada por Sader (1988) será revista posteriormente em momentos em que os movimentos sociais passam a dialogar mais de perto com o Estado.

É desta forma que o silêncio, imposto pela repressão, é quebrado e novas formas de sociabilidade cotidianas são descobertas. Uma suposta fragilidade da sociedade civil começa a ser questionada e os caminhos em busca da democracia são revitalizados.

3.0 Novos Horizontes de Lutas

É comum ouvirmos hoje que há uma crise nos movimentos populares e que estes foram tomados por uma apatia. Fala-se em uma descrença por parte da população que não mais se mobilizaria na luta por causas coletivas. A vez agora seria do individualismo. Mas será que é isso mesmo que ocorre, ou melhor, será que é só isso que ocorre?

Os anos 70 e 80 foram de grandes mobilizações e através delas grandes conquistas se verificaram. Era um momento de total efervescência. Maria da Glória Gohn (1994) diz que a grande conquista deste momento histórico foi a instauração de uma *“nova racionalidade no social”* (Gohn,1994,p.98), onde pessoas comuns passaram a participar da discussão de questões que lhes diziam respeito. Passaram a ter voz e assumiram uma nova postura na sociedade.

Esta conquista principal não é algo material, logo não é perecível. Esta nova racionalidade, esta nova mentalidade e forma de pensar o social e do próprio indivíduo se ver continua viva permeando outros tipo de ações. Surgiu àquela época um poder transformador que não se extinguiu, apenas mudou sua forma de apresentação. As idéias continuam a persistir embora as práticas possam ter mudado. No campo da comunicação popular, as radiadoras, jornais comunitários e depois rádios e TV's comunitárias se tornam exemplos dessa nova expressão. Na periferia de Fortaleza isso



se torna visível através da criação de núcleos de defesa da mulher, de centros culturais como o Espaço Cultural Frei Tito de Alencar (Escuta) e de ONG's como o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ), o Centro de Defesa da Vida Herbert Viana (CDVHS) e do Banco Palmas, isso só para citar alguns.

Não podemos negar um certo grau de apatia e desmobilização dos movimentos. Gohn (1994) vê uma crise parcial e diz que esta crise “*está instalada em certos ramos dos movimentos, mais precisamente nos de ordem popular*” e que isto não é motivo de admiração já que “*uma das características básicas de todo movimento social, quer popular ou não, é seu fluxo e refluxo*” (Gohn,1994,p.101)

Como nova forma de apresentação do poder transformador do qual falamos, temos também os movimentos ecológicos, herdeiros do legado deixado pelos movimentos sociais urbanos das décadas de 70 e 80. Sobre os movimentos ecológicos, Gohn (1994) diz que estes não estão em crise e sim em ascensão e que “*são, certamente, uma das grandes frentes de mobilização no século XXI*” (Gohn,1994,p.101)

Veremos através do Site do Bairro Ellery esse processo de migração de interesses por parte dos movimentos sociais urbanos e as novas estratégias utilizadas para que os objetivos sejam alcançados. O Site em si já é fruto destas mudanças dentro dos movimentos. Estes não ficam mais a mercê apenas dos olhares da grande mídia, muitas vezes norteadas por pré-conceitos. Tomando posse dos avanços tecnológicos, como fizeram com o rádio e os impressos, eles comprovam mais uma vez que são capazes de criar sua própria mídia que propicia sua expressão sem distorções. Aliás, como veremos mais adiante, as experiências comunicativas tem permeado essa comunidade.

4.0 A Questão Ecológica – O Despertar do Mundo

A espécie humana parece não fazer jus à descrição de ser a mais desenvolvida de todas quando a questão é cuidar de sua própria casa, de seu próprio habitat. Nossa intervenção no meio ambiente, com o intuito de tornar nossas vidas mais confortáveis terminam por causar verdadeiras catástrofes com dimensões ainda não totalmente conhecidas. Terminamos nos tornando vítimas de nós mesmos.

O desenvolvimento tecnológico tem sido um dos principais vilões das agressões à natureza. Sobre isso Samuel Murgel Branco diz que:



À medida que a espécie humana foi desenvolvendo novas tecnologias e ampliando seu domínio sobre os elementos e a natureza em geral, os impactos ambientais foram se ampliando em intensidade e extensão. (Branco,1997,p.20)

As ações humanas de degradação do meio ambiente levaram alguns grupos a uma reação contrária, a um despertar do que hoje chamamos de consciência ecológica.

O movimento ecológico se inicia no mundo na década de 60 em um contexto de surgimento de vários outros movimentos sociais protagonizados por minorias, como mulheres e negros. Era o momento também em que, segundo Carlos Walter Porto Gonçalves (2000, p.10), *“o movimento operário constituía o eixo em torno do qual se fazia a crítica teórica e prática da ordem instituída e o capitalismo aparecia como a causa de todos os males com que os homens se defrontavam”*. A grande novidade que esses movimentos trouxeram foi o fato de criticar não só o modo de produção, mas o modo de vida, as questões presentes e a inserir as ações do cotidiano como centro de questionamentos.

Gonçalves (2000) afirma ainda que *“é como se observássemos um deslocamento do plano temporal (história,futuro) para o espacial (o quadro de vida, o aqui e o agora)”* e que *“talvez nenhum outro movimento social tenha levado tão a fundo essa idéia, na verdade essa prática, de questionamento das condições presentes de vida”*. (Gonçalves,2000,p.12)

4.1 A Hora do Brasil Acordar

O Brasil é o país da América Latina onde os movimentos ecológicos nascem mais cedo. Segundo Gonçalves (2000) o movimento ecológico emerge no Brasil na década de 70 em um contexto ditatorial que se abateu sobre o movimento sindical e estudantil. A exemplo do que vimos que ocorreu com o movimento de bairros, quando algumas portas se fecham, parece que novos focos se abrem.

O contexto histórico, em termos bem gerais, era o da esquerda lutando contra o imperialismo e o considerando responsável pelo nosso subdesenvolvimento e da direita abrindo as portas do país para o capital estrangeiro, considerando que este seria o grande passo para nosso desenvolvimento. O país estava dominado pelas elites e segundo Gonçalves (2000,p.14), *“as elites dominantes em nosso país não tinham tradição de respeito seja pela natureza, seja pelos que trabalham”*.



Como vimos anteriormente, a preocupação ecológica já se alastrava no mundo causando uma pressão a nível internacional. Isso fez com que o Brasil se apressasse para criar instituições voltadas para o meio ambiente. Gonçalves (2000), coloca que o interesse do Estado era tão somente em garantir os investimentos estrangeiros que só chegariam caso essas medidas ambientais fossem tomadas, ou seja, não existia realmente uma consciência de cuidado com o meio ambiente.

Em artigo do site da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo de Campinas, (<http://www.fec.unicamp.br/~bdta/premissas/historico.htm>), vemos algumas dessas medidas legalistas como a realização em 1934 da primeira conferência brasileira de proteção à natureza que deu surgimento ao primeiro documento legal ambiental brasileiro, o Código das Águas. Ainda na década de 30, ocorre a criação do Parque Nacional de Itatiaia (RJ) e o decreto lei de nº 25 de 30 de Novembro organizando o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Em 1940 é a vez do Código das Minas, de acordo com o qual, o proprietário tinha o dever de evitar a poluição e conservar o meio. O Estatuto da Terra data de 1964 e define a função social da terra. Em 1965 surgiu Código Florestal e através dele vem o reconhecimento de que as florestas e demais formas de vegetação são bens de interesse comum a todos os cidadãos brasileiros.

A luta ecológica verdadeiramente movida por idéias de mudanças profundas no modo de vida e na cultura de nossa sociedade teve grande impulso somente com a Anistia. Gonçalves (2000) coloca que o retorno ao Brasil de exilados políticos que vivenciaram os movimentos ambientalistas europeus trouxe grande enriquecimento aos que aqui estavam.

De lá para cá o interesse por essas questões tem sido crescente. Partidos políticos “verdes” tem surgido, a sociedade civil tem se mobilizado e as empresas têm realizado diversas estratégias de marketing e publicidade a fim de ligar suas marcas à responsabilidade sócio-ambiental.

O grande desafio parece ser o de dar continuidade ao processo de desenvolvimento a fim de suprir as necessidades desta geração sem comprometer a capacidade das gerações seguintes de também suprir as suas.

É interessante refletirmos sobre o que Branco (1997) coloca a respeito da palavra desenvolver. Ele diz que: “A palavra “desenvolver”, na sua origem, tem o sentido de “desembrulhar”, “desenrolar”, “libertar” ou “expandir uma coisa que estava embrulhada ou envolvida” (Branco,1997,p.88). Talvez precisemos dar uma parada



neste “desembrulhar” e procurar formas mais humanas de fazê-lo. O nosso habitat agora precisa ser novamente envolvido de cuidados e atenção para que pare de agonizar. Pode ser justamente este o sentimento das pessoas quando estas envolvem árvores, praças ou bosques com seus abraços.

5.0 O Site do Bairro Ellery

O Bairro Ellery faz parte da periferia de Fortaleza localizando-se na Zona Norte da cidade. Tem sua história, de mais de meio século, marcada pelas lutas sociais e pelas dificuldades comuns à periferia.⁷

A comunicação também é parte desta história. As experiências comunicativas vividas pelo bairro não foram poucas.

No Bairro Ellery, a utilização de meios de comunicação seguiu a trajetória dos movimentos sociais urbanos emergentes na segunda metade dos anos 70 e início da década de 80. Esse foi um período no qual as manifestações populares editaram seus jornais comunitários e criaram suas radiadoras. Na década de 90 muitas das experiências com as radiadoras se transformaram em rádios comunitárias FM's, entretanto, com o fechamento da maioria delas, têm surgido novas experiências comunicativas. A utilização da internet e a criação de site é uma dessas novidades. (Oliveira & Ferreira, 2007
<http://www.comunicacaoempresarial.com.br/revista/05/artigo.asp>)

Criado há dois anos, o Site do Bairro Ellery pode ser visto como uma ação que dá seqüência a essa vocação comunicativa do Bairro. Decididamente estas pessoas não estão dispostas a deixar de expressar suas idéias e lançam mão de novas estratégias para isso. O Site, “*é um campo rico com as mais diversas atrações e expressões do movimento popular do bairro e das atividades cotidianas vividas por muitos de seus moradores*” (Oliveira & Ferreira, 2007).

Esse movimento popular, como dissemos anteriormente, modificou-se e essas mudanças são perceptíveis através do Site. Aguinaldo Aguiar, um dos produtores do

⁷ Mais sobre este assunto no livro: Escuta Sonora – Recepção e Cultura Popular nas Ondas das Rádios Comunitárias de Catarina Oliveira.



Site e seu principal articulador, deixa claro em sua fala essa mudança de foco dos movimentos sociais ao longo do tempo:

As associações, não apenas essas contribuíram pra isso, pro desenvolvimento do bairro, melhorou o padrão arquitetônico e as pessoas passaram, eu acho que a viver melhor, nesses aspectos das condições do bairro, o problema do desemprego, a violência tudo isso continua. Aí quando o povo conseguiu isso, as associações e o movimento comunitário não percebeu havia novas lutas, o meio ambiente, o problema cultural. O bloco, o *site*, são esforços do movimento comunitário não se acabar, são novas formas de atuação. Há uma tentativa de buscar novas formas de luta, na área da cultura, na área da comunicação. O bairro não comporta mais aquela associação que ocupa terra, porque nem há mais isso aqui. (Aguinaldo Aguiar, líder comunitário, entrevista, 2006).

Alguns *links* demonstram as novas áreas de atuação do movimento popular: mobilizações de valorização da mulher, aproximação do movimento popular com grupos de expressão cultural, movimentos ecológicos, dentre outros. Neste trabalho dois nos interessam diretamente: “Urbanização do Açude João Lopes” e “Revitalização do Pólo de Lazer”. Ambos estão diretamente relacionados com a temática ecológica que parece recente no âmbito dos movimentos sociais localizados na periferia.

5.1 O Açude João Lopes

O açude João Lopes faz parte da história do Bairro Ellery e é um de seus principais marcos. Percebemos isso claramente nesta parte do texto contido no link “Conheça o Bairro Ellery”.

Nesta década, e em outras depois, o açude “serviu de lazer para as pessoas da região, para banhos, pescaria em anzol e landuá, e para as lavagens de roupa realizadas pelas “lavadeiras das cacimbas do João Lopes”, que deixavam as roupas estendidas às margens do açude, sem preocupação de que fossem roubadas, a água do açude era límpida servindo para o consumo das pessoas.” (http://www.bairroellery.com.br/ellery/modules/xt_contedo/index.php?id=2)



Na década de 50, os terrenos próximos ao açude começaram a ser loteados sem nenhum planejamento adequado. A seqüência de descasos causou uma verdadeira catástrofe ecológica. O que era fonte de lazer transformou-se em uma grande piscina de água podre.

A poluição do açude era causada pelos próprios moradores que depositavam o lixo domiciliar, além do despejo de esgoto industrial e hospitalar. O sofrimento da população com esta situação e com o descaso por parte das autoridades federais, estaduais e municipais, fez com que lideranças e moradores do Bairro Ellery e bairros vizinhos como São Gerardo, Monte Castelo e Antônio Bezerra, se mobilizassem a fim de realizar um levantamento da real situação do açude. Este levantamento, realizado em 2003, contou com a colaboração do departamento de geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), além de advogados e engenheiros.

Ressaltamos o fato da mobilização não ter ocorrido apenas no Bairro Ellery, mas nos bairros vizinhos também. A partir da verificação dessa articulação entre os bairros, nos interessa saber se este fato ocorreu somente devido à grande extensão da área do açude que vai além das fronteiras do Bairro Ellery ou se essa população tinha em mente a universalidade da questão ecológica. O certo é que a mobilização tornou-se bastante significativa no contexto das lutas ambientais na região.

Como resultado do levantamento teve-se a comprovação do que estava estampado à vista de todos: quase toda a área de proteção e preservação do açude João Lopes está afetada por ocupações irregulares, deposição de lixo comercial e domiciliar e despejo de esgoto industrial, hospitalar e domiciliar. O meio biótico encontra-se comprometido como também a qualidade ambiental.

A partir disto foi criado projeto de urbanização do açude que contempla também a remoção das famílias que habitam as áreas próximas. O projeto foi aprovado no Orçamento Participativo⁸ de 2005 e as obras estão previstas para começar em Abril de 2008.

Ao manter um *link* abordando esta questão, onde encontramos notícias produzidas pelos colaboradores e também pela grande mídia, o Site reafirma o compromisso de dar voz à população do Bairro e de dar visibilidade aos problemas de seu cotidiano. São os movimentos sociais urbanos fazendo uso de novos palcos para continuar mostrando sua força transformadora.

⁸ Orçamento Participativo é um mecanismo criado em 2005 na gestão da Prefeita de Fortaleza Luizianne Lins visando fortalecer a participação da população nas discussões a respeito de que obras são mais importantes para os bairros.



Colocamos anteriormente que a proposta do movimento ecológico é muito profunda, já que sugere uma mudança cultural e de modo de vida. Isso não é fácil de ser absorvido e tornado prático. Nos perguntamos o quanto essas pessoas envolvidas na luta pela urbanização do açude João Lopes estão verdadeiramente movidas pela essência do movimento ecológico ou apenas procuram garantir melhorias de vida para si e suas famílias. O que move esses atores? Esperamos, com a pesquisa de campo, ter respostas para esses questionamentos.

5.2 O Pólo de Lazer

O Pólo de Lazer da Sargento Hermínio se localiza nas proximidades de uma das avenidas mais movimentadas da cidade, a Av. Sargento Hermínio e é hoje, uma das últimas áreas verdes da Região Oeste de Fortaleza. O Pólo é espaço para a prática de caminhada, lazer e descanso da população. Os adeptos dos esportes radicais como o *le parkour*, *skate* e bicicross também estão entre seus frequentadores.

Com o tempo este espaço multifuncional e crucial para a respiração da cidade foi sendo negligenciado, repetindo o que ocorre com a grande maioria dos espaços públicos de Fortaleza. Matéria publicada no jornal Diário do Nordeste deixa clara essa situação de abandono:

Uma das queixas mais comuns foi para o fato de que o espaço está servindo de “depósito” de animais, principalmente gatos, que vivem à mingua até morrerem de fome, sede ou doença. (<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=436888>)

Outros problemas são a ocupação do local por um grupo de sem teto da região e a violência crescente que termina por afastar os frequentadores.

Toda essa situação ainda pode ser mais agravada devido a um projeto da Prefeitura de Fortaleza que visa a construção de um ginásio poliesportivo e um anfiteatro dentro do Pólo de Lazer, o que seria um verdadeiro crime ambiental.

O que gera discussão é o fato de que essas obras são demandas oriundas do Orçamento Participativo de 2005, ou seja, refletem desejos da população do Bairro Ellery e bairros vizinhos e tiveram a participação desta no seu processo de formulação.



Ocorre, porém, que naquele momento de discussão não estava previsto o local para execução. Tiago Farias Lopes, arquiteto e urbanista, refere-se a esta situação:

Acontece que, uma das propostas para a região, escolhida por meio do Orçamento Participativo foi a construção de um ginásio na Avenida Sargento Hermínio. O passo seguinte, coordenado pela Secretaria Executiva Regional I (SER I), foi a elaboração do projeto e escolha do terreno para o ginásio, dessa vez, sem uma eficiente consulta popular, muito embora representantes de entidades comunitárias tenham tentado estabelecer comunicação com a Regional I, porém sem retorno.
(www.bairroellery.com.br)

Uma parcela da população juntamente com as lideranças e entidades resolveram se contrapor à Prefeitura e em Maio de 2007 criaram o Movimento pela Revitalização do Pólo de Lazer da Av. Sargento Hermínio. A estes atores uniram-se intelectuais, ambientalistas, arquitetos, urbanistas e estudantes das mais diversas áreas da cidade.

O Movimento realizou levantamento geográfico, ambiental e social na área e chegou à conclusão de que o projeto da Prefeitura irá sacrificar aproximadamente 30 árvores centenárias, impermeabilizará o solo inviabilizando, em médio prazo, o funcionamento do chafariz existente no local, causará distorção na identidade visual e ainda levará riscos à nascente do rio Alagadiço que se localiza no interior do Pólo. Estas justificativas e outras mais compuseram o relatório intitulado “Vida para o Pólo” que foi apresentado à Prefeitura.

Além do relatório, outro documento foi criado indicando sugestões para a revitalização do Pólo. A base deste documento veio da realização de uma consulta popular realizada através de enquete disponível no Site e também realizada no próprio Pólo. As sugestões mais votadas foram: maior segurança, limpeza permanente e construção de pista para caminhadas e colocação de equipamentos de ginástica.

O Movimento tem sido bastante criativo em suas ações. Além da consulta popular, tem sido realizadas exibição de filmes com temática ambiental, evento de comemoração do Dia da Árvore com crianças dos colégios do bairro, onde cada criança plantava uma árvore e até um programa de rádio realizado ao vivo nem pleno Pólo.

Talvez a maior diversificação tenha sido o uso do próprio bloco de carnaval do bairro, o “Sai na Marra”, como mídia de divulgação. O tema do Bloco no carnaval de 2008 foi: “A mata não é mais virgem. O vento não é mais fresco. Mas o bloco é



ecológico”. Usa-se dessa forma uma festa popular e extremamente atrativa para trabalhar mudanças de valores e conceitos e principalmente para fazer pensar.

Percebemos que o Movimento utiliza um processo dialógico com os usuários do Pólo, encontrando-se com o Site no sentido de tornar pública a questão ambiental, ouvir a população e fazer com que ela seja ouvida. A comunicação não se prende apenas ao Site, novas formas vão sendo criadas para falar com a cidade.

O projeto que visa revitalização do Pólo fez parte do orçamento participativo de 2007, o que prova o engajamento da população e a importância que tem dado à questão. Nos perguntamos se em decorrência de toda essa movimentação uma nova cultura tem sido criada, se as pessoas estão repensando suas ações cotidianas e tendo a percepção de que estas têm uma influência global. Será que os participantes destes movimentos se consideram também responsáveis por essa situação ambiental ou apenas culpam os poderes públicos? E ainda, o fato de estarem envolvidos nessas questões muda de alguma forma sua relação com o Bairro e com a cidade? Essas respostas também esperamos obter na pesquisa de campo.

A atuação do Site aqui também é de vital importância. No *link* “Revitalização do Pólo de Lazer” estão todas as notícias veiculadas na grande mídia sobre a questão do Pólo, além de ser espaço garantido para expressão dos participantes do Movimento e para comentários dos internautas. Como o bloco “Sai na Marra” também tem seu espaço no Site, a luta pela revitalização Pólo ganhou ainda mais visibilidade este ano.

Na análise das notícias, tanto no *link* relativo ao Pólo de Lazer como ao açude João Lopes, percebemos um comportamento positivo da grande mídia com relação ao Bairro. Parece nessa situação não estar sendo guiada pelo estigma que sabemos ter os bairros pobres de periferia. O Bairro parece assumir, aos olhos dessa mídia, uma nova cara. Os jornais se tornam aliados nas lutas ambientais travadas pela população e entidades. Porque isso ocorre quando o foco é a luta ambiental? Que diferenças essa questão apresenta com relação às outras questões com as quais os movimentos sociais se envolveram?

6.0 Considerações Gerais

Percebemos claramente através dos movimentos que estão ocorrendo hoje no Bairro Ellery, a variedade de focos de ação que os movimentos sociais tem tido. O ideário que moveu o surgimento desses movimentos no século passado sem dúvida está



vivo e resistindo às mudanças sociais, políticas e econômicas. Foram justamente estas mudanças que trouxeram novas demandas e a necessidade de novas lutas. Direitos a condições básicas de sobrevivência foram conquistados, mas com o passar do tempo e com a própria ação humana fomos perdendo alguns direitos que tínhamos e que hoje precisam urgentemente ser reconquistados, como o direito a respirar ar puro e de ter áreas verdes no espaço urbano.

Neste contexto novas lideranças vão surgindo. Jovens que davam seus primeiros passos no mundo quando os movimentos sociais urbanos estavam em seu auge se unem a quem já tem muita estrada e que já fez muita história.

A população tem respondido a essas novas demandas de luta e ao chamado das lideranças e entidades. Apesar de todas as situações inerentes à vida moderna, que vão fazendo com que o indivíduo se volte cada vez mais para si mesmo, essas pessoas mostram que o coletivo ainda tem vez. Se estão realmente imbuídos da essência de uma consciência ecológica, não estamos certos, mas de qualquer forma temos como ponto relevante a integração de jovens estudantes, intelectuais e profissionais liberais ao movimento.

A causa ecológica se mostra com grande força, penetrando em diversas classes sociais e permitindo a união de indivíduos em prol dos mesmos objetivos. Vemos isso entre os participantes do Movimento pela Revitalização do Pólo de Lazer da Av. Sargento Hermínio. O caráter universalizante da questão ecológica faz com que a luta do Pólo não seja só dos moradores da área, mas que inclua indivíduos que habitam outras áreas da cidade. Não temos dúvida que uma relação mais harmônica do homem com a natureza passa pela necessidade de uma relação mais harmônica dos homens entre si.

Confirmamos neste trabalho o que já havíamos percebido em pesquisa anterior que é o importantíssimo papel do Site do Bairro Ellery como elemento aglutinador e disseminador de toda essa efervescência que há no Bairro. Um verdadeiro banquete de informações e discussões que dão margem às mais diversificadas reflexões.

O aprofundamento deste trabalho com a pesquisa de campo a ser realizada certamente nos trará outras revelações a respeito destes assuntos e abrirá horizontes para outras reflexões.



REFERÊNCIAS

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **O Reverso das Vitrines: Conflitos urbanos e Cultura Política em Construção**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

BRANCO, Samuel Murgel. **O Meio ambiente em Debate**. 26.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

BRITO, Paulo Afonso Barbosa. **Educação e Movimentos Sociais**. Disponível em:
<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2005/ems/meio.htm>

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2000

OLIVEIRA, Catarina e FERREIRA, Zoraia. **Os Movimentos Sociais na Rede: Usos e Estratégias Comunicativas**.
Disponível em: <http://www.comunicacaoempresarial.com.br/revista/05/artigos.asp>

OLIVEIRA, Catarina e FERREIRA, Zoraia. **Os Movimentos Sociais na Rede: Produção de Notícia e Valorização de Sujeitos**.
Disponível em: http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos9_b.htm

PAGOTTO, Claudete. **Movimentos e Práticas Sociais no Jogo das Transformações Político-Econômicas**. Revista Espaço Acadêmico, Maringá/PR, v. 1, p. 1-3, 2006. Disponível em:
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/if/marx/documentos/22/Movimentos%20e%20pr%20eticas%20sociais....pdf>

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Histórico dos Movimentos Ambientais no Brasil e no Mundo. Disponível em:
<http://www.fec.unicamp.br/~bdta/premissas/historico.htm>

www.bairroellery.com.